

**KRIPAL, Jeffrey J. Esalen: America and the Religion of No Religion. University of Chicago Press; 1ª edição (2008)**

Bernardo Penteadado de Sousa Martins<sup>1</sup>

Jeffrey J. Kripal, estudioso norte-americano das religiões, dedicou-se por quase uma década à pesquisa sobre o lendário Instituto Esalen, na região do *Big Sur* na Califórnia, objeto do livro ora resenhado. Kripal nasceu em 1962, mesmo ano da fundação da Entidade, e já havia se notabilizado em seu livro de estreia: “*Kali’s Child: The Mystical and the Erotic in the Life and Teachings of Ramakrishna*”, que lhe rendeu o prêmio de melhor primeiro livro da *American Academy of Religion* em 1995.

Tendo escrito, na sequência, ao menos mais uma dúzia de livros, incluindo *Hidden Intercourse: Eros and Sexuality in the History of Western Esotericism* (2008), editado em parceria com Wouter J. Hanegraaff. Kripal se destaca, entre outras coisas, por seus estudos sobre erotismo e misticismo (*Roads of Excess, Palaces of Wisdom: Eroticism and Reflexivity in the Study of Mysticism*) (2001), religião e gnose (*The Serpent’s Gift: Gnostic Reflections on the Study of Religion*) (2006), além de seu vasto conhecimento em hinduísmo e psicanálise (*Vishnu on Freud’s Desk: A Reader in Psychoanalysis and Hinduism* edited with T.G. Vaidyanathan) (2002).

Embora menos conhecido no Brasil que seus pares europeus em estudos do *Ethos* Nova Era, como Paul Heelas e Wouter J. Hanegraaff, Jeffrey J. Kripal merece destaque pela realização de “*Esalen: America and The Religion of No Religion*” (2008). Uma vez que, contradizendo o próprio subtítulo do livro, podemos considerar que, ao menos de forma simbólica, o citado Instituto, situado na costa californiana, é uma espécie de Igreja pioneira da Nova Era. O estudo de Esalen constitui, na verdade, um capítulo fundamental da história da Nova Era, se entrelaçando com o surgimento de várias novas terapias na segunda metade do século XX.

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, <https://orcid.org/0000-0001-6207-6930>, [penteadado@gmail.com](mailto:penteadado@gmail.com).

O livro tem quinhentos e setenta e quatro páginas e é dividido em sete partes e dezenove capítulos (além dos agradecimentos, conclusões e notas, que ocupam aproximadamente um quinto da obra). Considerando o objetivo desta resenha - devido a grande quantidade de informações do livro, resultado de um estudo ao qual Jeffrey Kripal se dedicou por mais de meia década -, é preciso esclarecer que em alguns capítulos, a resenha abarcará apenas determinados trechos centrais.

Na introdução, Kripal se debruça sobre os primórdios do exuberante local onde foi erguido o Instituto Esalen. Além das lendas e rumores sobre grandes artistas que frequentaram o local, por exemplo, o polêmico escritor Henry Miller seria frequentador, ou não, dos banhos de cunho erótico que ali aconteciam ou se o Beatle George Harrison pousou por lá de helicóptero com o músico Ravi Shankar.

A presença de artistas renomados é uma constante no Instituto fundado por Richard Price e Michael Murphy que, em seus primórdios, realizava conferências que lembravam as que C.G. Jung concebeu como o início da contracultura no coração da Europa em Ascona, na Suíça. Eranos (1933) era o equivalente no estudo das religiões comparadas nos anos 60 e 70 na Europa ao que representou Esalen para o “movimento do potencial humano” nos Estados Unidos, trazendo nesta nomenclatura típica da Nova Era o toque *fashion*, segundo Kripal, que os norte-americanos sempre conseguiram dar ao misticismo.

No extenso primeiro capítulo, é narrado que Murphy e Price se conheceram enquanto estudantes do curso de psicologia da Universidade de Stanford nos anos 50. Ambos tiveram aula com Frederic Spiegelberg, professor de religião comparada que foi o primeiro a lhes falar sobre o conceito de “Religião da Não Religião”.

Kripal também apresenta temas que irão se desenvolver melhor no decorrer do livro, como o conceito de “potencial humano”, que já aparece no cartaz do primeiro evento de Esalen, em setembro de 1962, e permeia toda a lógica por trás do Instituto, além de explicar que o Tantra seria uma espécie de budismo para consumo ocidental (talvez pelo fato do cofundador Michael Murphy ser seguidor de Sri Aurobindo). Faz uma analogia relacionando os deuses gregos Apolo e Dionísio (e depois coloca Dionísio como análogo a Shiva) usando estas comparações e complementaridades para concluir que a demanda por terapias tanto racionais quanto sensoriais/corporais são essenciais na busca

pelo potencial humano.

Kripal trata, ainda, das condições geográficas e históricas do Instituto Esalen antes de sua inauguração, compreendendo o período entre 1882 e 1962, além da apresentação de mais alguns personagens e situações que serão desenvolvidas no decorrer do livro.

Esalen teve seu nome inspirado na cultura dos índios americanos que habitavam o local, cuja grafia pendia entre *Exse'éin* ou *Eslenes*. Kripal conta sobre a violenta colonização ocorrida desde o primeiro contato europeu em 1602 até a época em que a Nova Espanha (México) tomou o controle da Califórnia em 1770, prosseguindo por uma minuciosa análise histórica do local, até chegar à Califórnia do século XX, cita autores importantes que foram influenciados pela região, como: John Steinbeck, Aldous Huxley, Henry Miller, Allen Ginsberg, Jack Kerouac e Gery Snyder.

Kripal busca mostrar como alguns deles (mais especificamente os poetas da geração *beat*: Ginsberg, Kerouac e Snyder), tomam, cada qual, um caminho pessoal rumo ao Budismo. O que traz à tona a presença de outro importante personagem no imaginário de Esalen: o escritor budista Alan Watts – que foi trazido para a Califórnia através do mentor de Michael Murphy em Stanford, Frederic Spiegelberg.

Kripal considera os anos 1950 e 1960 a época de empoderamento dos fundadores de Esalen, assunto que o autor trata no capítulo dois. Para contextualizar Michael Murphy, descrito como “o professor e o santo”, Kripal se aprofunda em alguns conceitos de Spiegelberg sobre a “Religião da Não Religião”, que é colocada ao mesmo tempo como uma frase potente, um paradoxo e uma expressão poética para, em seguida, citar alguns erros que ele percebe acerca da religião, tais como: confundir afirmações simbólicas com verdades literais, valorizando o divino transcendental em detrimento do que ele chama “o mundo natural”. Algumas páginas para frente, o mesmo Spiegelberg apresenta duas práticas ocidentais que ajudam a aproximar o simbólico e o gnóstico na Religião da Não Religião: a arte e a psicanálise (tanto a freudiana, quanto a junguiana).

Kripal também cita o biólogo Rupert Sheldrake, ao sugerir que, segundo sua teoria dos campos morfogenéticos, a prática espiritual através das décadas pode criar um campo morfogenético específico, transformando um lugar em local sagrado, num padrão para a experiência norte-americana em relação às práticas orientais. Como acontece,

por exemplo, na relação com o princípio guru-discípulo, uma vez que de acordo com tal teoria, a experiência mística do guru pode permanecer presente ainda que oculta, através do campo morfogenético.

Além de Frederic Spiegelberg, o outro grande mentor do fundador de Esalen Michael Murphy, foi o líder espiritual indiano Sri Aurobindo. Segundo Kripal: “Foi um professor de religião comparada (Spiegelberg) e um santo indiano (Aurobindo) que resgataram Murphy de sua crise de fé *darwiniana* e o colocaram num caminho de volta para casa” (p. 67).

O terceiro capítulo trata prioritariamente de Richard Price, o outro sócio de Esalen. Logo no primeiro parágrafo, sabemos que Price morrerá precocemente em 1985, todavia, esse trágico evento não diminui em nada a importância deste outro protagonista do Instituto. Filho do lituano Herman, nascido em Yom Kippur em 1895 (época em que o país ainda integrava a Rússia) com a americana Audrey, de Indiana, nascida também em 1895, Price veio ao mundo em Illinois, Chicago, em 1930.

Foi no outono de 1955, na Universidade de Stanford, que Price se iniciou no budismo pelas mãos do mesmo professor de Michael Murphy, Spiegelberg, que na época ministrava em Stanford estudos sobre o Bhagavad Gita. Até então, Richard Price não havia demonstrado interesse em religião, mas os estudos deste texto clássico do hinduísmo o fizeram mudar de opinião. Enquanto Michael Murphy se debruçava nos estudos sobre Sri Aurobindo, Price abria seu leque oriental para além da Índia, também se interessando pelo Zen japonês e o Taoísmo chinês.

Além dos interesses pela cultura oriental, Murphy e Price tinham outras referências em comum: passaram pelo exército, eram atletas e graduados em psicologia por Stanford.

No capítulo 4, Kripal se debruça sobre a influência que a contracultura teve entre os anos 1960 e 1970 nos bastidores de Esalen. Murphy e Price tiveram um único, porém significativo encontro com Aldous Huxley, em janeiro de 1962, ano em que o Instituto foi inaugurado, e um ano antes da morte de Huxley, ocorrida em 22 de novembro de 1963.

A importância deste encontro pode ser comprovada pelo tema que definiu os objetivos do Instituto: o movimento do potencial humano. Os escritos de Huxley sobre as dimensões místicas e psicodélicas, já caminhavam nesta direção, além de suas citações

sobre o desenvolvimento das potencialidades humanas, que se tornou o mote de Esalen. Não apenas os dilemas místicos e éticos de Huxley estavam influenciando a alma do Instituto, também sua inspiração hindu em busca de uma filosofia perene. Além disso, Huxley sempre acreditou que substâncias psicodélicas podem colaborar promovendo insights metafísicos rumo ao que ele considerava “a latente manifestação das potencialidades (humanas)” (p. 86).

O quinto capítulo, intitulado “O Manifesto da Mente”, continua tratando dos alucinógenos que marcaram a contracultura. Começando com uma citação do texto “As Políticas do Ecstasy”, de Timothy Leary: “A descoberta de que o cérebro humano possui infinitas potencialidades e pode operar de forma inesperada através de diferentes dimensões tempo-espaço, me deixou estimulado, admirado e bem convencido de que acabo de acordar de um longo sono ontológico” (p. 112).

O texto do capítulo narra a cultura dos alucinógenos, indo da publicação do livro “Portas da Percepção” de Huxley (1954), até o quarto seminário da história de Esalen, que tinha como tema “O Misticismo induzido pelas drogas” que, logo se tornou, um dos cursos mais populares do Instituto.

Este capítulo é dos mais ricos contando, entre outras coisas, sobre as correspondências entre Timothy Leary e Aldous Huxley acerca de temas como o LSD, estudos de Mircea Eliade e o Tantra. Também descreve curiosidades, como o fato do renomado mitólogo Joseph Campbell ter sido o *ghostwriter* de um capítulo do livro sobre as filosofias da Índia, além da macabra tentativa de Charles Manson de invadir o Instituto Esalen, já que Abigail Folger, que fazia parte de sua gangue, havia assistido a seminários no Instituto e, Sharon Tate, esposa do cineasta Roman Polansky (vítima mais famosa de Manson), também havia passado por Esalen na véspera de seu assassinato.

No sexto capítulo, Kripal fala sobre o terapeuta Abraham Maslow, que é colocado na primeira página como alguém cuja relevância em Esalen é quase a mesma que a de Fritz Perls, pai da terapia Gestalt. Em seguida, como nota de bastidor, diz que Maslow dedica ao sócio do Instituto, Michael Murphy, atenção e afeto, como se fosse o filho que ele, Maslow, nunca teve.

Esalen nunca proporcionou à psicanálise a mesma atenção dada à Gestalt

terapia, afinal, o conceito central de iluminação de Esalen estava no paradigma de que o corpo tinha sua mística própria, tendo no sexo e no orgasmo sua experiência de pico, uma prática espiritual. Outro terapeuta que também contribuiu foi Wilhelm Reich, autor de outra importante teoria sobre o orgasmo.

Nas páginas seguintes, o autor explica, entre outras coisas, conceitos da obra de Maslow que estão em total comunhão com as discussões mais recentes da Nova Era, como a conclusão de que o longo flerte da história das religiões alternativas americanas possui como tensão inerente a mesmíssima questão dos dias atuais, que é: a distinção entre o que seria “religião” organizada e o que seria a “espiritualidade” pessoal.

No capítulo sete, a figura de Fritz Perls é comparada à de Abraham Maslow, ambos intelectuais judeus que viveram experiências de preconceito e de perseguição. Perls, inclusive, teve que fugir da Alemanha em 1933, após ter aparecido na lista negra do Führer. Todavia, mesmo com sofrimentos em comum, havia uma imensa disputa e conflito entre Perls e Maslow. Afinal, ambos buscavam o protagonismo na cultura psicológica de Esalen. Fritz Perls superou não apenas Maslow, como todos os outros, já que a sua Gestalt Terapia foi a referência terapêutica do Instituto da Big Sur.

Perls começou como um freudiano clássico tendo sido, inclusive, analisado por Wilhelm Reich em Berlim. Além de tudo, recebeu apoio e suporte profissional de Ernest Jones, amigo e biógrafo de Freud. Seu primeiro workshop em Esalen ocorreu em fevereiro de 1964 e custou quinze dólares. Posto de forma prática por Kripal e de forma resumida considerando o propósito desta resenha, a Gestalt é uma tentativa de focar em subjetividades da experiência consciente através da construção do “aqui e agora” (em detrimento do passado já esquecido e de dinâmicas do inconsciente que este passado produz, como ensinado por Freud). Uma frase de Perls que se tornou lendária em Esalen, dizia: “Eu sou eu. Você é você. Eu faço minhas coisas. Você faz as suas. Eu não estou no mundo para satisfazer as suas expectativas e você não está no mundo para satisfazer as minhas” (p. 159).

O capítulo é repleto de histórias e apresentações de personagens que despontaram não apenas na história de Esalen como referências no universo da Nova Era. Entre eles, o psiquiatra nascido no Chile, Claudio Naranjo, que tanto Perls quanto Price, consideravam

como sendo muito talentoso e possível sucessor de Perls, apresentado como “O xamanismo tântrico”. Naranjo e o filósofo boliviano Oscar Ichazo ajudaram a estruturar o Eneagrama, método de autoconhecimento, baseado em estudos do filósofo e mestre espiritual armênio, Gurdjieff.

O capítulo oito trata da primeira filial do Instituto de Big Sur, que atravessa a Golden Gate e se instala em San Francisco. Embora a filial só tenha começado a funcionar no outono de 1967. Maslow, em 6 de fevereiro de 1966, fez o discurso de inauguração do Instituto na cidade. Porém, neste capítulo que trata da expansão de Esalen, começando na Califórnia e depois mundo afora, o que mais chama a atenção, é a parte em que o autor conta sobre as comemorações de aniversário de um certo Joe, não um Joe qualquer, mas Joseph Campbell.

Falecido em 1987, conhecido por seus estudos sobre os mitos, e seus notórios flertes com Hollywood (incluindo sua colaboração na estrutura e na jornada dos heróis da saga “Guerra das Estrelas” de George Lucas), Joseph Campbell aparece numa foto celebrando sorridentemente, em 1983, seu aniversário em Esalen, sendo abraçado e festejado por onze mulheres.

Todavia, Kripal lembra que Campbell só veio a alcançar sucesso em grande escala um ano após sua morte, em 1988, quando uma série de seis episódios em que era o protagonista foi televisionada: “Joseph Campbell e o Poder do Mito”. De lá para cá, o sucesso de seus livros e ideias se expandiu exponencialmente. No livro é contado que, por muitos anos, Campbell manteve esse ritual de comemorar seus aniversários junto dos alunos e colegas de Esalen, o que só corrobora o fato do Instituto ter criado dentro de suas instalações, alguns dos protagonistas culturais da história recente da psicologia e da espiritualidade Nova Era.

No nono capítulo, é apresentada a figura de George Leonard, um dos grandes apoiadores da filial de Esalen em São Francisco, colocado como alguém que seria, simbolicamente, um terceiro fundador do Instituto, ao lado de Michael Murphy e Dick Price. Tanto pela boa relação que Leonard sempre teve com Murphy, como também devido aos mais de quarenta anos em que foi professor, escritor e liderança no grupo.

Murphy e Leonard se conheceram em São Francisco em fevereiro de 1965 num

encontro que, segundo Kripal, mudou a vida de ambos. Nascido em 1923 e graduado em literatura inglesa em 1948, George Leonard tinha o sonho de se tornar escritor, porém, ganhou destaque no mercado editorial trabalhando na revista Look, onde permaneceu por 17 anos até os anos 1970, quando passou a se dedicar integralmente ao movimento do potencial humano, alinhando-se à agenda de Esalen.

O décimo capítulo é focado na grande influência que Esalen teve sobre o “movimento somático” (terapias corporais) e, no processo terapêutico contemporâneo. Um dado interessante deste capítulo é a informação sobre a origem do movimento somático, através da “German Gymnastic Movement” que ocorreu nos anos 1900, em torno de três mulheres: Hede Kallmeyer e Elsa Gindler, de Berlim e Bess Mensendieck de Hamburgo. Em seguida, explica como a Segunda Guerra Mundial levou a maior parte dos praticantes desta ginástica germânica, em sua maioria judeus, até os Estados Unidos, consagrando personalidades das terapias corporais, como: Alexander Lowen, Moshe Feldenkrais e Ida Rolf.

O “movimento somático” (terapias corporais) teve tal força, que se expandiu para o campo da filosofia. Norman O. Brown em seu livro “Love’s Body” (1990), afirma que terapeutas corporais são eminentemente fenomenológicos, daí a importância de filósofos como Edmund Husserl e Merleau-Ponty, teóricos deste movimento. Tanto que o próprio Husserl já utilizava o termo somatologia na fenomenologia, como uma possibilidade de se integrar o corpo mecanizado da ciência com a fluidez do corpo vivo da experiência direta com a consciência.

O décimo primeiro capítulo abrange um período que vai de 1970 até 1985, cujo mote é o imaginário oculto e a guerra fria. Em 1970, Esalen vira a página de uma era. Com a morte de mestres lendários como James Pike, Fritz Perls e Abraham Maslow em 1969 e 1970, assim como dos genitores paternos dos fundadores, Dick Price e Michael Murphy, em 1969, uma renovação acontece no Instituto. Inicia-se o período de protagonismo de Stanislav Grof, o tcheco que brilhou na psiquiatria por quase cinquenta anos, sendo quatorze destes em Esalen.

Quem trouxe Grof para Esalen foi a terapeuta familiar americana Virginia Satir. O convite ocorreu num encontro em Londres, em 1964, numa conferência sobre LSD. Em



1965, Grof teve o primeiro contato com o Instituto através de um workshop. Nessa ocasião, Grof teve uma forte e imediata conexão com o cofundador Michael Murphy.

O encontro com Satir numa conferência sobre LSD não foi por acaso, já que a relação do psiquiatra Grof com a substância, conforme discorre o capítulo, tem grande importância e peso científico, comparado aos estudos que o pai da psicanálise, Sigmund Freud fez com a cocaína.

O capítulo 12 busca entender um pouco mais os pensamentos e conceitos de Michael Murphy e, para tal, Jeffrey Kripal analisa um dos livros do cofundador de Esalen: "Golf in the Kingdom" (1971).

A história do livro acontece num período de 24 horas em um dia não especificado de junho de 1956. Nela há diversas pistas autobiográficas, já que Murphy traz personagens e situações muito semelhantes àsquelas de seu cotidiano. Entre eles um personagem cujo nome Shiva remete diretamente à influência oriental de Michael Murphy. O reinado (Kingdom) a que o título do livro faz referência é uma clara alusão aos ensinamentos de Jesus sobre o Reino de Deus. Ou seja, temos no livro duas referências fortíssimas acerca da epistemologia religiosa de Murphy. Uma oriental (Shiva) e outra mais ocidental (o Reino de Deus através das palavras de Jesus Cristo).

Na sequência, demonstrando um rico conhecimento sobre religiões comparadas, Kripal relaciona trechos do livro de Murphy com outros autores e obras, como Thomas Carlyle, Coleridge e a obra do pai da Ciência da Religião, Max Muller: "Sacred Books of the East" (1879-1910), concluindo que um outro livro de tradição oriental também está presente no "Golf in the Kingdom" (1971) de Murphy. No caso: "The Gospel of Sri Ramakrishna" (1942).

O curioso é que esse livro de Michael Murphy, que mistura esporte com espiritualidade, acabou sendo um sucesso também no meio esportivo, levando à criação do "Esalen Sports Center" (1973-1975) que revelou uma demanda por esse tipo de conhecimento espiritual aplicado ao esporte, por parte dos atletas. Percebemos que esta busca por ajuda é muito similar ao que hoje chamamos de "coach" pelo mundo e que, não por coincidência, teve início dentro do universo esportivo. E, muito provavelmente, a partir de Esalen.

No capítulo 13, o autor Jeffrey J. Kripal segue com as análises de Michael Murphy através de seus livros, e coloca foco na segunda obra do cofundador de Esalen: *Jacob*

*Atabet – A speculative Fiction* (1977). Explica que o livro não teve o mesmo sucesso de sua obra de estreia, (1971).

No livro, o narrador de nome Darwin Fall está trabalhando num imenso manuscrito sobre as relações evolutivas entre mente e corpo. O protagonista Jacob Atabet, um pintor metafísico residente em São Francisco, sofre uma série de três eventos místicos, passando a recorrer à obra de Darwin em busca de entendimento de sua vida oculta.

No décimo quarto capítulo, que tem como título “Superpoderes”, o autor começa observando que aquilo que era considerado o movimento do potencial humano nos anos 60 e 70 acabará se transformando em movimento da Nova Era nos anos 80 e 90. Perdendo muito de seu radicalismo e se tornando algo muito mais apolítico e corporativo. Ou seja: o conceito de Esalen acabava de ser assimilado.

Em paralelo à guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética, Esalen mergulhava num estudo acerca das descobertas de fenômenos paranormais que, se acreditava, estavam atrás da cortina de ferro. O capítulo “superpoderes” tem um viés hollywoodiano e anedótico, já que boa parte da mediunidade (comprovada ou não) na União Soviética lembra aspectos dignos da escola do Professor Xavier na saga cinematográfica X-Men.

Um dado interessante que Kripal traz neste capítulo é a relação entre psicanálise e regimes totalitaristas, mostrando que na época a psicanálise estava proibida na União Soviética. Para contextualizar o fato, conta que desde a Segunda Guerra os nazistas já viam Freud como uma ameaça, já que a teoria psicanalítica enfatiza a força dos indivíduos contra qualquer tipo de autoridade. E que a maior prova disto seria o êxito da psicanálise em sociedades liberais do ocidente como os EUA, Inglaterra e França, ao mesmo tempo em que era frequentemente reprimida em regimes autoritários como, por exemplo, os da América Latina. Logo, por sua didática sempre alinhada às terapias de vanguarda (sendo muitas, inclusive, oriundas de desdobramentos do próprio pensamento freudiano), Esalen, por analogia, também estaria alinhada em prol da liberdade do indivíduo contra o totalitarismo num sentido amplo.

No capítulo 15, *Sexo com os Anjos*, outra temática claramente relacionada ao *ethos* Nova Era vem à tona: os objetos voadores não identificados. No capítulo, Kripal continua a desenvolver assuntos pendentes do capítulo anterior, como teorias conspiratórias da guerra

fria, relacionando estas à paranormalidade, misticismo e ao que ele chama de “espião secreto”. E, para não perder seu método de analisar a literatura de Michael Murphy como modo de entender o Instituto Esalen, passa agora a dissecar o terceiro (e oculto) romance de Murphy: *“An End to Ordinary Story”* (1982), uma continuação de seu segundo livro.

Neste, o narrador Darwin Fall e o protagonista Jacob Atabet estão em busca de um cientista russo chamado Vladimir Kirov. Murphy mistura misticismo com a corrida espacial, incluindo eventos telepáticos, tráfico de armas e um personagem argentino de nome Ramon (descrito como “o rapaz bonito de Buenos Aires”) que busca contato com dois cosmonautas russos no espaço, até que algo místico e desastrosamente erótico acontece, culminando num ataque de cunho sexual. No ínterim de todo este imbróglio espacial, temos ainda a presença de discos voadores e a visão de uma outra dimensão que tenta sugá-los através de um buraco.

Kripal entende que parte da narrativa de *An End to Ordinary Story* tem como inspiração o livro sobre história das religiões de Henry Corbin acerca do sufismo: *Spiritual Body and Celestial Earth* (1989), cujas conexões com o livro de Murphy são imensas. Como exemplo, cita que “Corbin renega radicalmente a dicotomia entre “história” e “mito” ou o que costumamos chamar de “realidade” e “ficção”” (p. 348).

O capítulo 16, intitulado “O Tao de Esalen”, é dedicado a explicar a presença do taoísmo no Instituto. Desde a morte de Fritz Perls em 1970, o fundador Richard Price passa a ser a pessoa mais ligada aos grupos de Gestalt em Esalen. Quando Eric Erickson, um especialista em hinduísmo, budismo e taoísmo chega ao Instituto para colaborar, ele percebe que todo o movimento gestáltico de Price já possuía muita adesão às filosofias e práticas meditativas do Oriente. Esta influência taoísta ia muito além dos ensinamentos de Price como professor de Gestalt, uma vez que o fundador de Esalen, agora, também estava usando o livro de Lao Tzu “Tao Te Ching” como oráculo nas decisões administrativas e gerenciais do Instituto.

O décimo sétimo capítulo tem como título o subtítulo do livro: “A Religião da Não Religião” e abre com uma citação de Voltaire: “Com uma Igreja você tem a tirania; com duas, uma guerra civil; mas com uma centena: paz”.

O capítulo trata da morte do cofundador de Esalen, Richard Price e da crise que se

instaurou com esta perda. Todavia, antes da morte, tanto Price quanto seu sócio Michael Murphy, já haviam apontado o executivo Steve Donovan para ser o novo presidente de Esalen.

Nascido em Chicago, em 1941 e criado em Nova Jersey, Donovan era, por parte de pai, de uma família de origem irlandesa. A vida como homem de negócios também estava ligada a seu pai, que fora um executivo de destaque na empresa de petróleo, Texaco. Após completar seu MBA na Universidade de Columbia, Donovan passou a trabalhar como diretor de uma pequena cafeteria de Seattle: Starbucks. Inclusive, sendo o único membro do conselho que não era um dos fundadores. Mesma dinâmica de poder que passaria a ter no Instituto Esalen. Porém, agora, como presidente.

O título do capítulo 18, "Realizing Darwin's Dream", também faz menção à obra literária do fundador remanescente, Michael Murphy.

Desde sua estreia em "Golf in the Kingdom" (1971), passando por Jacob Atabet (1977), e "An End to Ordinary History" (1982), os leitores mais atentos de Murphy, segundo Kripal, deveriam ter percebido o crescimento de um subtexto de realismo místico que culminaria em sua obra de 1992: "The Future of the Body". Nele, Murphy busca criar uma história natural daquilo que Kripal define como o "supernatural". O escopo do livro é dedicado à compreensão de uma teoria visionária a respeito da evolução, baseada na transformação do corpo. Tudo isso demonstrado através de misticismo, folclore, psiquiatria e esporte. O que, de certa forma, não deixa de ser a visão que Michael Murphy tinha para o seu Instituto Esalen.

O décimo nono capítulo, "Depois da Tempestade", abre a parte final do livro, que abrange o período entre 1993 e 2006, que, não é a data do fim de Esalen, porém, é quando Jeffrey Kripal conclui sua história sobre o Instituto.

Em sua fundação nos anos 60, no auge da contracultura, sexo era a prioridade número um do público que frequentava a Big Sur. Considerava-se que tanto os homens quanto as mulheres queriam basicamente a mesma coisa: mais sexo. Porém, com o passar dos anos, houve uma mudança no foco dos cursos do Instituto que agora, eram cursos sobre a história do esoterismo ocidental, com professores como Wouter J. Hanegraaff da Universidade de Amsterdã ou cursos sobre as dinâmicas do fundamentalismo global,

ministrados pelo diplomata de carreira e teórico da psicologia política, Joseph Montville.

O contraste destes contextos culturais (anos 1960 x anos 2000), pode levar à conclusão de que Esalen se encontrava de uma forma totalmente oposta à de sua criação em 1962. Todavia, essa avaliação é enganosa, pois devemos nos lembrar que Esalen não nasceu dos excessos da contracultura. Pelo contrário, sua origem primordial remonta ao conservadorismo dos anos 1950, anterior a contracultura, numa tentativa de se libertar da sufocante conformidade – ou como dito por Henry Miller: “o pesadelo do ar-condicionado” – em referência ao *baby-booming* desta mesma década.

O último capítulo é nomeado como “(In) conclusão: O Futuro do Passado e uma ideia mística da América”. Nele, Kripal afirma que a história do Instituto pode ser entendida através das tensões e complementaridades de seus dois fundadores: Murphy e Price.

Price, buscando superar seus próprios traumas espirituais, oriundos, entre outras coisas, de sua decepção com a comunidade psiquiátrica, esmerou-se em criar um local onde as pessoas pudessem se encontrar não apenas com as outras, mas também com sua humanidade. Trabalhando seus conflitos, expressando suas emoções e chegando a uma sensação de cura.

Desde o começo, a visão de Murphy para Esalen era outra. Para ele, aquele era um local para a integração do Oriente com o Ocidente. Através de uma evolução mística inspirada em seu mestre Sri Aurobindo, um visionário que enxergava os novos avanços científicos e religiosos, e cujo objetivo, era algo como uma nova gnose mundial, que poderia ser alcançada através da meditação, e de experiências corporais (ou até atléticas), passando pela tradição do Tantra, na busca empírica por poderes sobrenaturais que, de certa forma, são análogos ao do “potencial humano”, máxima do Instituto que está grafado em Esalen, desde a divulgação de seu folheto de estreia, no outono de 1962.

O Instituto Esalen na Califórnia, não é nem simples e nem pequeno, trata-se de um local de extrema relevância para os rumos não apenas da Nova Era (aqui colocada nos termos da Ciência da Religião) como também da psicologia (haja vista a influência de Esalen nos rumos terapêuticos atuais, principalmente no que concerne às terapias somáticas/corporais e à incorporação da meditação e outras técnicas contemplativas e filosóficas vindas do oriente).

Considerando todos os desdobramentos e implicações dos fatos, que abrangem áreas que atravessam a política, a história e as artes (literatura e cinema, principalmente), concluo que o livro, em inglês, não é uma obra de fácil leitura para o grande público, porém, é um excelente estudo histórico e sociológico acerca da psicologia e da religião.

Outra questão relevante é que em face da grandeza dos assuntos tratados, é necessário algum conhecimento prévio sobre personagens da história da psicologia e da literatura americana do século XX para uma melhor compreensão sobre os riquíssimos bastidores de Esalen que, ao contrário da analogia feita no começo desta resenha, não é uma Igreja da Nova Era, mas um grande laboratório. Uma vez que na “América da Religião da Não Religião”, a espiritualidade não depende de um lugar, de uma Igreja, todavia, ela aprecia, e muito, uma confortável construção erguida no paradisíaco litoral da Big Sur, entre o rio Carmel e o riacho San Carpoforo, para realizar suas experiências espirituais.

## Referências

BROWN, Norman O. *Love's Body*. Berkeley: University of California Press, 1990.

GUPTA, Mahendranath. *The Gospel of Sri Ramakrishna*. Nova Iorque: Ramakrishna Vivekananda Center, 1942.

HANEGRAAFF, Wouter J. KRIPAL, Jeffrey J. *Hidden Intercourse: Eros and Sexuality in the History of Western Esotericism*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2008.

HUXLEY, Aldous L. *As portas da percepção*. Londres: Chatto & Windus, 1954.

KRIPAL, Jeffrey J. *Kali's Child: The Mystical and the Erotic in the Life and Teachings of Ramakrishna*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

KRIPAL, Jeffrey J. *Roads of Excess, Palaces of Wisdom: Eroticism and Reflexivity in the Study of Mysticism*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

KRIPAL, Jeffrey J. *The Serpent's Gift: Gnostic Reflections on the Study of Religion*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

MURPHY, Michael. *Golf in the Kingdom*. Londres: Penguin Books, 1971.

MURPHY, Michael. *Jacob Atabet: A speculative fiction Paperback*. Berkeley: Celestial Arts, 1977.

MURPHY, Michael. *The Future of the Body: Explorations Into the Further Evolution Of Human Nature*. Nova Iorque: Tarcherperigee, 1992.

VAIDYANATHAN, T. G. *Vishnu on Freud's Desk: A Reader in Psychoanalysis and Hinduism edited with T.G. Vaidyanathan*. Nova Iorque: Oxford University Press.

Submetido em: 9 abr. 2021.

Aprovado em: 11 mai. 2021.